

I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Quando resolvemos ousar ensinar

Iuli do Carmo Melo
Graduanda em pedagogia
Universidade Federal de São João del-Rei
Iulimelo05@yahoo.com.br

"Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética. A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano"

PAULO FREIRE

A educação passa por uma crise. Uma crise anunciada e denunciada desde a democratização da educação em que os investimentos não acompanharam a expansão do ensino público além do descaso com dos cursos de formação e existência da dicotomia ensino e pesquisa. Uma crise ignorada, com respostas ineficazes e insuficientes. (PEREIRA,2009)

No entanto é visto que a educação é importante e necessária em qualquer discurso político, mas, na prática custa caro, e o custo benefício vem em longo prazo e se a educação for emancipadora é melhor investir nas indústrias e bancos. A educação que liberta e forma cidadãos críticos, não interessam ao sistema. O sistema é opressor e forte, corresponde a um discurso neoliberal que reproduz a cultura dominante.

Ensinar nesse sistema não é uma tarefa fácil, o sistema tem estratégias para garantir o status quo, o fato de o magistério ser uma profissão estigmatizada como profissão feminina, por exemplo, contribui para desvalorização da classe, visto que a sociedade se organizou de forma machista e patriarcal que condiciona, convence a mulher que é mais apta à docência, pela possibilidade da gravidez, ou seja, se pode ser mãe é mais fácil ser professora.

Há uma desvalorização tanto da educação, limitando ao cuidado, quanto à figura feminina considerando a escola como uma extensão de casa, quase uma extensão da maternidade, ao ponto da professora ser chamada de “tia” o que, segundo Freire (1997), considera uma “armadilha ideológica em que, tenta-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, e amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais” (1997, p. 25).

Mesmo diante desse cenário, que a cada dia parece piorar e se fechar mais para uma “educação como prática de liberdade”, se faz possível ensinar para além da transferência mecânica de conhecimento, sendo assim, assumimos a postura que Paulo Freire chama de educadores progressistas. Os educadores progressistas não se limitam ao conteudismo. Quando ousam ensinar, militam por uma causa política: a educação.

Nada disso é fácil, mas isso tudo constitui uma das frentes da luta maior de transformação profunda da sociedade brasileira. Os educadores progressistas precisam convencer-se de que não são puros ensinantes – isso não existe – puros especialistas da docência. Nós somos militantes políticos porque somos professores e professoras. Nossa tarefa não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe, da história. Implicando a seriedade e a competência com que ensinemos esses conteúdos, nossa tarefa exige o nosso compromisso e engajamento em favor da superação das injustiças sociais.

Enquanto, professores e as professoras, não podemos nos acomodar diante do sistema, se deixando condicionar a opressão. Ao abandonar a causa estamos reforçando a opressão e nos colando do lado do opressor, uma vez que a educação não é neutra, e a transgressão do sistema é necessária para a progressão da educação libertadora. “A grande força do saber sobre o que alicerça a nova rebeldia é a ética universal do ser humano e não a do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta a golodice do lucro. É a ética da solidariedade humana” (Freire, P.126,2011)

Os baixos salários, as precárias condições de trabalho, a corrupção do sistema tem de ser motivação para a luta por transformações sociais é um *ato político*. “A educação não vira política por causa da decisão desta ou daquele educador. Ela é política” (Freire, p. 108. 2011). Essa política se acha na educabilidade que torna o educando consciente e libertado afinal, quando ousamos ensinar “certo” estamos contribuindo para a construção do pensamento crítico do educando tendo por dever a prática de uma educação digna e construtiva e significativa.

Referências

FREIRE, Paulo Professora Sim, Tia não: Cartas para quem ousa ensinar. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011

PERREIRA, Júlio Emilio Diniz. O ovo ou a Galinha a Crise da profissão docente e a falta de perspectiva para educação brasileira. Disponível em <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/1772/1380>> acesso em Novembro de 2015